

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

SETEMBRO DE 1863

Nº 9

União da Filosofia e do Espiritismo

Nota – O artigo seguinte é a introdução a um trabalho completo que o autor, Sr. Herrensneider, se propõe fazer sobre a necessidade da aliança entre a Filosofia e o Espiritismo.

Desde que o Espiritismo se revelou na França, há cerca de dez ou doze anos, as comunicações incessantes dos Espíritos têm provocado em todas as classes da sociedade um movimento religioso benéfico, que importa encorajar e desenvolver. Com efeito, neste século o espírito religioso estava perdido, sobretudo entre as classes eruditas e inteligentes. O sarcasmo voltaireano aí tinha tirado o prestígio do Cristianismo; o progresso das ciências lhes havia feito reconhecer as contradições existentes entre os dogmas e as leis naturais, e as descobertas astronômicas tinham demonstrado a puerilidade da idéia que formavam de Deus os filhos de Abraão, de Moisés e do Cristo. O desenvolvimento das riquezas, as invenções maravilhosas das artes e da indústria, toda a civilização protestava, aos olhos da sociedade moderna, contra a renúncia ao mundo. Foi por causa desses numerosos motivos que a incredulidade e a indiferença se insinuaram nas almas, a negligência dos destinos eternos entorpeceu o nosso amor ao bem,

paralisou o nosso aperfeiçoamento moral e a paixão do bem-estar, do prazer, do luxo e das vaidades terrestres acabou por cativar quase toda a nossa ambição; mas, de repente, os mortos vieram nos lembrar que a nossa vida presente tem o seu dia seguinte, que nossos atos têm suas conseqüências fatais, inevitáveis, quando não sempre nesta vida, infalivelmente na vida futura.

Essa aparição dos Espíritos foi uma trovoadas que fez tremer muita gente, à semelhança de certos móveis, postos em movimento sob o impulso de uma força invisível; à audição desses pensamentos inteligentes, ditados por meio de um telégrafo grosseiro; à leitura dessas páginas sublimes, escritas por nossas mãos distraídas, sob o impulso de uma direção misteriosa. Quantos corações batiam, tomados de medo súbito; quantas consciências atormentadas despertaram em merecidas angústias; quantas inteligências feridas de estupor! A renovação dessas relações com as almas dos mortos é e continuará um acontecimento prodigioso, que terá como conseqüência a regeneração, tão necessária, da sociedade moderna.

É que, quando a sociedade humana só tem por objetivo de atividade a prosperidade material e o prazer dos sentidos, mergulha no materialismo egoísta, aprecia todas as ações conforme os bens que delas retira, renuncia a todos os esforços que não levem a uma vantagem palpável, só estima os que têm posses e não respeita senão o poder que se impõe. Quando os homens só se preocupam com os sucessos imediatos e lucrativos, perdem o senso da honestidade, renunciam à escolha dos meios, desprezam a felicidade íntima, as virtudes privadas e deixam de se guiar conforme os princípios de justiça e de equidade. Numa sociedade lançada nessa direção imoral, o rico leva uma vida de moleza ignóbil, embrutecedora, e o deserdado aí arrasta uma vida dolorosa e monótona, da qual o suicídio parece ser o último lenitivo.

Contra semelhante disposição moral, pública e privada, a filosofia é impotente. Não que lhe faltem argumentos para provar a necessidade social de princípios puros e generosos; não que ela não possa demonstrar a iminência da responsabilidade final e estabelecer a perpetuidade de nossa existência; mas, em geral, os homens não têm tempo, nem gosto, nem espírito bastante circunspeto, para prestar atenção à voz da consciência e às observações da razão. As vicissitudes da vida, aliás, muitas vezes são demasiado imperiosas para que se decidam pelo exercício da virtude pelo simples amor do bem. Mesmo quando a filosofia tivesse sido o que realmente deveria ser – uma doutrina completa e certa – jamais teria podido provocar, somente por seu ensino, a regeneração social de maneira eficaz, uma vez que até hoje ela não pôde dar à autoridade de sua doutrina outra sanção que não fosse o amor abstrato do ideal e da perfeição.

É que aos homens é preciso, para os convencer da necessidade de se consagrarem ao bem, fatos que falem aos sentidos. É-lhes necessário o quadro impressionante de suas dores futuras, para que consintam em subir a ladeira funesta por onde seus vícios os arrastaram; faz-se mister que toquem com o dedo as desgraças eternas que, pela sua invigilância moral, para si mesmos preparam, a fim de compreenderem que a vida atual não é o objetivo de sua existência, mas o meio que lhes deu o Criador de trabalharem pessoalmente para a realização de seus destinos finais. Assim, foi por estes motivos que todas as religiões apoiaram seus mandamentos no terror do inferno e nas seduções das alegrias celestes. Mas desde que, sob o império da incredulidade e da indiferença religiosa, as populações se certificaram das conseqüências últimas de seus pecados, acabou por prevalecer uma filosofia fácil e inconstante, auxiliando o culto dos sentidos, dos interesses temporais e das doutrinas egoístas. Hoje, os homens esclarecidos, inteligentes e fortes afastam-se da Igreja e seguem suas próprias inspirações; falta-lhe a autoridade necessária para recuperar sua influência vinte vezes secular. Pode, pois, dizer-se que

a Igreja é tão impotente quanto a filosofia e que nem uma nem outra exercerão influência salutar senão sofrendo, cada uma em seu gênero, uma reforma radical.

Enquanto isto a Humanidade se agita, os acontecimentos se sucedem e a chegada das manifestações espíritas neste século culto, prático, suficiente e céptico, é, incontestavelmente, o evento mais considerável. Eis, pois, que se abre o túmulo à nossa frente, não como o fim de nossas penas e de nossas misérias terrestres; não como um abismo escancarado, onde são devorados as nossas paixões, os nossos prazeres e as nossas ilusões, mas antes como o pórtico majestoso de um novo mundo, onde uns colherão, mau grado seu, os frutos amargos que suas fraquezas lhes terão feito semear, enquanto outros, ao contrário, garantirão, por seu mérito, a passagem a esferas mais puras e mais elevadas. É, pois, o Espiritismo que nos revela nossos destinos futuros; quanto mais ele for conhecido, tanto mais ganhará em impulso e em extensão a regeneração moral e religiosa.

A união do Espiritismo com as ciências filosóficas nos parece, realmente, de magna necessidade para a felicidade humana e para o progresso moral, intelectual e religioso da sociedade moderna, porquanto já não estamos no tempo em que se podia afastar a ciência humana em benefício da fé cega. A ciência moderna é muito sábia, muito segura de si mesma e muito avançada no conhecimento das leis impostas por Deus à inteligência e à Natureza, para que a transformação religiosa possa ocorrer sem o seu concurso. Conhece-se perfeitamente a exigüidade relativa de nosso globo para conferir à Humanidade um lugar privilegiado nos desígnios providenciais. Aos olhos de todos, não passamos de um grão de poeira na imensidade dos mundos, e sabe-se que as leis que regem essa multidão indefinida de existências são simples, imutáveis e universais. Enfim, as exigências da certeza de nossos conhecimentos foram fortemente aprofundadas, para que uma doutrina nova possa surgir e manter-se em outra base que não seja

um misticismo tocante e inofensivo. Se o Espiritismo quiser estender seu império sobre todas as classes da sociedade, sobre os homens superiores e inteligentes, como sobre as almas delicadas e crentes, é preciso que se lance, sem reservas, na corrente do pensamento humano, e que, por sua superioridade filosófica, saiba impor à soberba razão o respeito de sua autoridade.

É esta ação independente dos adeptos do Espiritismo que compreendem perfeitamente os Espíritos elevados que se manifestam. Aquele que se designa sob o nome de Santo Agostinho dizia ultimamente: “Observai e estudaí com cuidado as comunicações que vos são dadas; aceitai o que a razão não repele, rejeitai o que a choça; pedi esclarecimentos sobre as que vos deixam em dúvida. Tendes aí a marcha a seguir, para transmitir às gerações futuras, sem receio de as ver desnaturadas, as verdades que deslindais sem esforço do seu cortejo inevitável de erros.”

Eis, em poucas palavras, o verdadeiro espírito do Espiritismo, o que a Ciência pode admitir sem interrogar, aquele que nos servirá para conquistar a Humanidade. Aliás, o Espiritismo nada tem a temer de sua aliança com a filosofia, porque repousa sobre fatos incontestáveis, que têm sua razão de ser nas leis da Criação. Cabe à Ciência estudar-lhe o alcance e coordenar os princípios gerais, consoante essa nova ordem de fenômenos. Pois é evidente que, desde que ela não tinha pressentido a existência necessária, no espaço que nos cerca, das almas dos mortos ou das destinadas a renascer, a Ciência deve compreender que sua filosofia primeira estava incompleta e que princípios primordiais lhe haviam escapado.

A filosofia, ao contrário, tem tudo a ganhar ao considerar seriamente os fatos do Espiritismo. Primeiro, porque estes são a sanção solene de seu ensinamento moral; e depois porque tais fatos provarão, aos mais endurecidos, o alcance fatal de seu mau comportamento. Mas, por mais importante que seja esta

justificação positiva de suas máximas, o estudo aprofundado das conseqüências, que se deduzem da constatação da existência sensível da alma no estado não encarnado, servir-lhe-á em seguida para determinar os elementos constitutivos da alma, sua origem, seus destinos, e para estabelecer a lei moral e a do progresso anímico sobre bases certas e inabaláveis. Além disso, o conhecimento da essência da alma conduzirá a filosofia ao conhecimento da essência das coisas e, mesmo, da de Deus, e lhe permitirá unir todas as doutrinas que a dividem num só e mesmo sistema geral, verdadeiramente completo. Enfim, esses diversos desenvolvimentos da filosofia, provocados por esta preciosa determinação da essência anímica, conduzi-la-ão infalivelmente sobre os traços dos princípios fundamentais da antiga cabala e da antiga ciência oculta dos hierofantes, de que a trindade cristã é o último raio luminoso que chegou até nós. É assim que, pela simples aparição das almas errantes, chegar-se-á, como temos todo direito de esperar, a constituir uma cadeia ininterrupta das tradições morais, religiosas e metafísicas da Humanidade antiga e moderna.

Este futuro considerável, que concebemos para a filosofia aliada ao Espiritismo, não parecerá impossível aos que tiverem alguma noção desta ciência, se considerarem a vacuidade dos princípios sobre os quais se fundam as diversas escolas e a impotência para elas disso resultante, de explicar a realidade concreta e viva da alma e de Deus. É assim que o materialismo imagina que os seres não passam de fenômenos materiais, semelhantes aos produzidos pelas combinações químicas, e que o princípio que os anima faz parte de um suposto princípio vital universal. De acordo com este sistema a alma individual não existiria e Deus seria um ser completamente inútil.

Por seu lado, os discípulos de Hegel imaginam que a idéia, esse fenômeno indisciplinado de nossa alma, seja um elemento em si, independente de nós; um princípio universal que se manifesta pela Humanidade e sua atividade intelectual, como

também pela Natureza e suas maravilhosas transformações. Esta escola nega, por conseguinte, a individualidade eterna de nossa alma, e a confunde num só todo, com a Natureza. Ela supõe que exista uma identidade perfeita entre o universo visível e o mundo moral e intelectual; que um e outro sejam o resultado da evolução progressiva e fatal da idéia primitiva, universal, numa palavra, do absoluto. Deus também não tem, neste sistema, nenhuma individualidade, nenhuma liberdade, e não se conhece pessoalmente. Ele só se percebeu a si mesmo, pela primeira vez, em 1810, por intermédio de Hegel, quando este o reconheceu na idéia absoluta e universal. (Histórico).

Enfim, nossa escola espiritualista, vulgarmente chamada eclética, considera a alma como sendo apenas uma força sem extensão e sem solidez, uma inteligência imperceptível no corpo humano e que, uma vez desembaraçada de seu envoltório, conservando sua individualidade e sua imortalidade, não existiria mais, nem no tempo, nem no espaço. Nossa alma, pois, seria um não sei quê, sem ligação com o que existe, e não ocuparia nenhum lugar determinado. Segundo este mesmo sistema, Deus não é mais perceptível. É o pensamento perfeito e não tem, igualmente, nem solidez, nem estabilidade, nem forma, nem realidade sensível; é um ser vazio. Sem a razão nós não poderíamos ter nenhuma intuição. Entretanto, quem são os que inventaram o ateísmo, o cepticismo, o panteísmo, o idealismo, etc.? São os homens de raciocínio, os inteligentes, os sábios! Os povos ignorantes, cujas sensações são os principais guias, jamais duvidaram de Deus, da alma e de sua imortalidade. Parece que só a razão é má conselheira!

Em conseqüência, fácil é nos convenceremos de que falta a essas doutrinas um princípio real, estável, vivo, da noção do ser real. Elas se movem num mundo *inteligível*, que não toca na realidade concreta. O vazio de seus princípios relaciona-se com o conjunto de seus sistemas e os torna tão sutis quanto vagos e estranhos à realidade das coisas. O próprio senso comum é

ultrajado, não obstante o talento e a prodigiosa erudição de seus aderentes. Mas o Espiritismo é ainda mais brutal em relação a eles, porque derruba todos os sistemas abstratos, opondo-lhes um fato único: a realidade substancial, viva e atual da alma não encarnada. Ele lha mostra como um ser pessoal, existindo no tempo e no espaço, embora invisível para nós; como um ser tendo o seu elemento sólido, substancial e sua força ativa e pensante. Ele nos mostra mesmo as almas errantes, comunicando-se conosco por sua própria iniciativa. É evidente que semelhante acontecimento deve derrubar todos os castelos de cartas e, de uma assentada, eliminar essas soberbas estruturas fantasiosas.

Mas, para aumentar a confusão, pode provar-se aos partidários dessas doutrinas complicadas que todo homem traz na própria consciência os elementos suficientes para demonstrar a existência da alma, tal como o Espiritismo o estabeleceu pelos fatos, de modo que seus sistemas não só são errados no seu ponto de chegada, mas, também, em seu ponto de partida. Assim, o mais sábio partido que resta a tomar por esses honrados sábios, é refazer completamente sua filosofia e consagrar seu profundo saber à fundação de uma ciência original, mais precisa e mais conforme à realidade.

É que, efetivamente, carregamos conosco quatro noções irreduzíveis, que nos autorizam a afirmar a existência de nossa alma, tal qual o Espiritismo no-la apresenta. Primeiramente, temos em nós o sentimento de nossa existência. Tal pensamento não pode revelar-se senão por uma impressão que recebemos de nós mesmos. Ora, nenhuma impressão se faz sobre um objeto privado de solidez e de extensão, de sorte que por um só fato de nossas sensações devemos inferir que temos em nós um elemento sensível, sutil, extenso e resistente, isto é, *uma substância*. Em segundo lugar, temos em nós a consciência de um elemento ativo, causal, que se manifesta em nossa vontade, em nosso pensamento e em nossos atos. Em conseqüência, é ainda evidente que possuímos em nós um segundo elemento: *uma força*. Portanto, pelo

simples fato de que sentimos e sabemos, devemos concluir que encerramos dois elementos constitutivos, força e substância, isto é, uma dualidade essencial, anímica.

Mas essas duas noções primitivas não são as únicas que levamos conosco. Ainda nos concebemos, em terceiro lugar, *uma unidade* pessoal, original, sempre idêntica a si mesma; e, em quarto lugar, *um destino* igualmente pessoal, porque todos nós procuramos a felicidade e as nossas próprias conveniências em todas as circunstâncias da vida. De maneira que, juntando essas duas novas noções, que constituem nosso duplo aspecto, às duas precedentes, reconhecemos que nosso ser encerra *quatro princípios* bem distintos: *sua dualidade de essência e sua dualidade de aspecto*.

Ora, como esses quatro elementos do conhecimento do nosso *eu*, que nos levam a nos afirmar pessoalmente, são noções independentes do corpo e não têm qualquer relação com o nosso envoltório material, é evidente e peremptório para todo espírito justo e não prevenido, que nosso ser depende de um princípio invisível, chamado Alma; e que esta alma existe como tal, desde que tem uma substância e uma força, uma unidade e um destino próprios e pessoais.

Tais são os quatro elementos primordiais de nossa individualidade anímica, dos quais cada um de nós traz em seu seio a noção e que nenhum homem poderia recusar. Em conseqüência, como dissemos, em todos os tempos a filosofia possuiu os elementos suficientes para o conhecimento da alma, tal como o Espiritismo no-la dá a conhecer. Se, pois, até o presente, a razão humana não conseguiu construir uma metafísica verdadeira e útil, que lhe tenha feito compreender que a alma deve ser considerada como um ser real, independente do corpo e capaz de existir por si mesma, substancial e virtualmente, no corpo e no espaço, é que ela desdenhou a observação direta dos fatos de consciência e que, em seu orgulho e em sua presunção, a razão foi posta em lugar e no lugar da realidade.

Conforme estas observações, pode compreender-se quanto importa à filosofia unir-se ao Espiritismo, pois deste tirará a vantagem de criar-se uma ciência original, séria e completa, fundada sobre o conhecimento da essência da alma e das quatro condições de sua realidade. Mas não é menos necessário ao Espiritismo aliar-se com a filosofia, porque só por ela poderá estabelecer a certeza científica dos fatos espíritas, que formam a base fundamental de sua crença, e daí tirar as importantes conseqüências que eles contêm. Sem dúvida, basta que o bom senso veja um fenômeno para crer em sua realidade, e muitos se contentam com isto; mas a Ciência muitas vezes teve motivos para duvidar do protesto do senso comum, para não se confiar nas impressões dos nossos sentidos e nas ilusões de nossa imaginação. O bom-senso não basta, pois, para estabelecer cientificamente a realidade da presença dos Espíritos à nossa volta. Para estar certo disto de maneira irrefutável, é preciso estabelecer racionalmente, de acordo com as leis gerais da criação, que sua existência é necessária por si mesma, e que sua presença invisível não é senão a confirmação dos dados racionais e científicos, tais como acabamos de indicar alguns, de maneira sumária. Assim, somente pelo método filosófico é possível chegar a esse resultado. Eis um trabalho necessário à autoridade do Espiritismo, e só a filosofia pode prestar-lhe esse serviço.

Em geral, seja em que empresa for, para triunfar é necessário aliar o conhecimento dos princípios à observação dos fatos. Nas circunstâncias particulares do Espiritismo, é ainda muito mais necessário proceder desta maneira rigorosa para chegar à verdade, porque nossa nova doutrina toca os nossos interesses mais caros e mais elevados, os que constituem a nossa felicidade presente e eterna. Por conseguinte, a união do Espiritismo e da Filosofia é da mais alta importância para o sucesso de nossos esforços e para o porvir da Humanidade.

F. Herrensneider

Questões e Problemas

SOBRE A EXPIAÇÃO E A PROVA

Moulins, 8 de julho de 1863

Senhor e venerado mestre,

Venho submeter à vossa apreciação uma questão que foi discutida em nosso pequeno grupo e não pudemos resolver por nossas próprias luzes; os próprios Espíritos que consultamos não responderam muito categoricamente para nos tirar da dúvida. Redigi uma pequena nota, que tomo a liberdade de vos remeter, na qual reuni os motivos de minha opinião pessoal, que difere da de vários colegas. A opinião destes últimos é que a expiação ocorre mesmo durante a encarnação, apoiando-se no fato de que tal expressão foi empregada em muitas comunicações e, notadamente, em *O Livro dos Espíritos*.

Apelo, pois, à vossa bondade, no sentido de dardes a vossa opinião sobre esta questão. Para nós vossa decisão será lei e cada um de nós sacrificará, com prazer, a sua maneira de ver, a fim de colocar-se sob a bandeira que plantastes e sustentais de maneira tão firme e tão sábia.

Recebei, senhor e caro mestre, etc.

T. T.

“Várias comunicações, dadas por Espíritos diferentes, qualificam indistintamente de *expições* ou de *provas* os males e as tribulações que formam o quinhão de cada um de nós, durante a encarnação na Terra. Resulta de tal aplicação que duas palavras, muito diversas em sua significação, teriam a mesma idéia, causando uma certa confusão, sem dúvida pouco importante para os Espíritos desmaterializados, mas que, entre os encarnados, dá lugar a discussões que seria bom fazer cessar, por meio de uma definição

clara e precisa e por explicações fornecidas pelos Espíritos superiores, as quais fixariam, de maneira irrevogável, este ponto da doutrina.

“Tomando primeiramente essas duas palavras em seu sentido absoluto, parece que *expição* seria o castigo, a pena imposta para o resgate de uma falta, com perfeito conhecimento, por parte do culpado punido, da causa desse castigo, isto é, da falta a expiar. Compreende-se que, neste sentido, a *expição* é sempre imposta por Deus.

“A *prova* não implica nenhuma idéia de reparação; pode ser voluntária ou imposta, mas não é a conseqüência rigorosa e imediata das faltas cometidas.

“A *prova* é um meio de constatar o estado de uma coisa, para reconhecer se é de boa qualidade. Assim, submete-se a uma *prova* um cordame, uma ponte, uma peça de artilharia, não por causa de seu estado anterior, mas para se certificar se estão adequadas ao serviço para o qual se destinam.

“Do mesmo modo e por extensão, chamaram de *provas da vida* ao conjunto de meios físicos ou morais que revelam a existência ou a ausência de qualidades da alma, que estabelecem sua perfeição ou os progressos por ela feitos para essa perfeição final.

“Parece, pois, lógico admitir que a *expição* propriamente dita, no sentido absoluto do termo, ocorra na vida espiritual, após a desencarnação ou morte corporal; que possa ser mais ou menos longa, mais ou menos penosa, conforme a gravidade das faltas; mas que é completa no outro mundo e termina sempre por um ardente desejo de obter uma nova encarnação, durante a qual as *provas* escolhidas ou impostas deverão ensinar à alma o progresso para a perfeição, que as suas faltas anteriores lhe impediram fossem realizadas.

“Assim, pois, não conviria admitir que haja *expição* na Terra, nem mesmo que possa existir excepcionalmente, porque seria preciso admitir, também, o conhecimento das faltas punidas. Ora, esse conhecimento só existe na vida de além-túmulo. A *expição*, sem tal conhecimento, seria uma barbárie inútil e não se conciliaria nem com a justiça, nem com a bondade de Deus.

“Durante a encarnação não se pode conceber senão *provas*, porquanto, sejam quais forem os males e as tribulações da Terra, é impossível considerá-los como podendo constituir uma *expição* suficiente para faltas de qualquer gravidade. É possível imaginar que um culpado, entregue à justiça dos homens, estaria bem punido se o condenassem a viver como a mais infeliz das criaturas? Não exageremos, pois, a importância dos males deste mundo para nos concedermos o mérito de os haver suportado. A *prova* consiste mais na maneira pela qual os males foram suportados do que na sua intensidade que, como a felicidade terrena, é sempre relativa para cada indivíduo.

“Os caracteres distintivos da *expição* e da *prova* são que a primeira é sempre imposta e sua causa deve ser conhecida por aquele que a sofre, enquanto a segunda pode ser voluntária, isto é, escolhida pelo Espírito, ou mesmo imposta por Deus, em falta de escolha. Além disso, ela pode ser concebida perfeitamente sem causa conhecida, visto não ser necessariamente a conseqüência de faltas passadas.

“Numa palavra: a *expição* cobre o passado; a *prova* abre o futuro.

“O número de julho da *Revista Espírita* contém um artigo intitulado: *Expição terrena*, que pareceria contrário à opinião emitida acima. Contudo, lendo-o atentamente, ver-se-á que a verdadeira *expição* se dá na vida espírita e que a posição ocupada por Max na sua última encarnação realmente não é senão o gênero

de *provas* que ele escolheu ou que lhe foram impostas, e das quais saiu vitorioso; mas que, durante toda essa encarnação, ignorando sua posição anterior, em nada poderia aproveitar uma expiação sem objetivo.

“Talvez esta seja mais uma questão de palavras que de princípios. Com efeito, já foi dito muitas vezes: ‘Não vos prendais às palavras; vede o fundo do pensamento.’ Em todo o caso, para nós que nos entendemos por meio de palavras, convém estarmos bem fixados no sentido que a elas ligamos.”

Resposta – A distinção estabelecida pelo autor da nota acima, entre o caráter da expiação e o das provas é perfeitamente justa. Entretanto, não poderíamos partilhar de sua opinião no que concerne à aplicação desta teoria à situação do homem na Terra.

A expiação implica necessariamente a idéia de um castigo mais ou menos penoso, resultado de uma falta cometida; a prova implica sempre a de uma inferioridade real ou presumida, porquanto, aquele que chegou ao ponto culminante a que aspira, não mais necessita de provas. Em certos casos, a prova se confunde com a expiação, isto é, a expiação pode servir de prova, e reciprocamente. O candidato que se apresenta para receber uma graduação, passa por uma prova. Se falhar, terá de recomeçar um trabalho penoso; esse novo trabalho é a punição da negligência que apresentou no primeiro; a segunda prova torna-se, assim, uma expiação. Para o condenado a quem se faz esperar um abrandamento ou uma comutação, se bem se conduzir, a pena é, ao mesmo tempo, uma expiação por sua falta e uma prova para sua sorte futura. Se, à sua saída da prisão, não estiver melhor, a prova é nula e um novo castigo desencadeará uma nova prova.

Considerando-se, agora, o homem na Terra, vemos que ele aí suporta males de toda a sorte, muitas vezes cruéis. Esses males têm uma causa. Ora, a menos que os atribuamos ao capricho

do Criador, somos forçados a admitir que a causa esteja em nós mesmos, e que as misérias que experimentamos não podem ser o resultado de nossas virtudes; portanto, têm sua fonte nas nossas imperfeições. Se um Espírito encarnar-se na Terra em meio à fortuna, honras e todos os prazeres materiais, poder-se-á dizer que sofre a prova do arrastamento; para o que cai na desgraça por sua má conduta ou imprevidência, é a expiação de suas faltas atuais e pode dizer-se que é punido por onde pecou. Mas que dizer daquele que, desde o nascimento, está em luta com as necessidades e as privações, que arrasta uma existência miserável e sem esperança de melhora, que sucumbe ao peso de enfermidades congênicas, sem nada ter feito, *ostensivamente*, para merecer tal sorte? Quer seja uma prova, ou uma expiação, a posição não é menos penosa e não seria mais justa do ponto de vista do nosso correspondente, porquanto, se o homem não se lembra da falta, também não se lembra de haver escolhido a prova. Tem-se, assim, de buscar alhures a solução da questão.

Como todo efeito tem uma causa, as misérias humanas são efeitos que devem ter uma causa; se esta não estiver na vida atual, deve estar numa vida anterior. Além disso, admitindo a justiça de Deus, tais efeitos devem ter uma relação mais ou menos íntima com os atos precedentes, dos quais são, ao mesmo tempo, castigo para o passado e prova para o futuro. São expiações no sentido de que são consequência de uma falta, e provas em relação ao proveito que delas se retira. Diz-nos a razão que Deus não pode ferir um inocente. Se, pois, formos feridos, é que não somos inocentes: o mal que sentimos é o castigo, a maneira por que o suportamos é a prova.

Mas acontece, muitas vezes, que a falta não se acha nesta vida. Então se acusa a justiça de Deus, nega-se a sua bondade, duvida-se mesmo de sua existência. Aí, precisamente, está a prova mais escabrosa: a dúvida sobre a divindade. Quem quer que admita um Deus soberanamente justo e bom deve dizer que ele não pode agir senão com sabedoria, mesmo naquilo que não compreendemos

e, se sofremos uma pena, é porque o merecemos; é, pois, uma expiação. O Espiritismo, pela grande lei da pluralidade das existências, levanta completamente o véu sobre o que esta questão deixava no escuro. Ele nos ensina que se a falta não foi cometida nesta vida, o foi numa outra e, deste modo, que a justiça de Deus segue o seu curso, punindo-nos por onde havíamos pecado.

A seguir vem a grave questão do esquecimento que, segundo o nosso correspondente, tira aos males da vida o caráter de expiação. É um erro. Dai-lhe o nome que quiserdes: jamais fareis que não sejam a consequência de uma falta. Se o ignorais, o Espiritismo vo-lo ensina. Quanto ao esquecimento das faltas em si, não tem as consequências que lhe atribuis. Temos demonstrado alhures que a lembrança precisa dessas faltas teria inconvenientes extremamente graves, uma vez que nos perturbaria, nos humilharia aos nossos próprios olhos e aos do próximo; trariam perturbação nas relações sociais e, por isto mesmo, entravaria o nosso livre-arbítrio. Por outro lado, o esquecimento não é tão absoluto quanto se supõe; ele só se dá na vida exterior de relação, no interesse da própria Humanidade; mas a vida espiritual não sofre solução de continuidade. Quer na erraticidade, quer nos momentos de emancipação, o Espírito se lembra perfeitamente e essa lembrança lhe deixa uma intuição que se traduz pela voz da consciência, que o adverte do que deve ou não deve fazer. Se não a escuta, é, pois, culpado. Além disso, o Espiritismo dá ao homem um meio de remontar ao seu passado, se não aos atos precisos, pelo menos aos caracteres gerais desses atos, que ficaram mais ou menos desbotados na vida atual. Das tribulações que suporta, das expiações e provas deve concluir que foi culpado; da natureza dessas tribulações, ajudado pelo estudo de suas tendências instintivas e apoiando-se no princípio de que a mais justa punição é a consequência da falta, ele pode deduzir seu passado moral; suas tendências más lhe ensinam o que resta de imperfeito a corrigir em si. A vida atual é para ele um novo ponto de partida; aí chega rico ou pobre de boas qualidades; basta-lhe, pois, estudar-se a si mesmo

para ver o que lhe falta e dizer: “Se sou punido, é porque pequei”, e a própria punição lhe dirá o que fez. Citemos uma comparação:

Suponhamos um homem condenado a tantos anos de trabalhos forçados, sofrendo um castigo especial mais ou menos rigoroso, de acordo com a sua falta; suponhamos, ainda, que ao entrar na cadeia perca a lembrança dos atos que para lá o conduziram. Poderá dizer: “Se estou na prisão, é que sou culpado, porquanto aqui não se põe gente virtuosa. Tratemos, pois, de ficar bom, para não voltarmos quando daqui sairmos.” Quer ele saber o que fez? Estudando a lei penal, saberá quais os crimes que para ali conduzem, porque ninguém é posto a ferros por uma levandade. Da duração e da severidade da pena, concluirá o gênero dos que deve ter cometido. Para ter uma idéia mais exata, terá apenas de estudar aqueles para os quais irá sentir-se instintivamente arrastado. Saberá, então, o que deve evitar daí em diante para conservar a liberdade, e a isso será ainda estimulado pelas exortações dos homens de bem, encarregados de o instruir e o dirigir no bom caminho. Se não o aproveitar, sofrerá as conseqüências. Tal a situação do homem na Terra, onde, tanto quanto o grilheta, não pode ter sido posto por suas perfeições, considerando-se que é infeliz e obrigado a trabalhar. Deus lhe multiplica os ensinamentos de acordo com o seu adiantamento; adverte-o incessantemente e chega mesmo a feri-lo, para o despertar de seu torpor, e aquele que persiste no endurecimento não pode desculpar-se com sua ignorância.

Em resumo, se certas situações da vida humana têm, mais particularmente, o caráter das provas, outras têm, de modo incontestável, o do castigo, e todo castigo pode servir de prova.

É um erro pensar que o caráter essencial da expiação seja o de ser imposta. Vemos diariamente na vida expiações voluntárias, sem falar dos monges que se maceram e se fustigam com a disciplina e o cilício. Nada há, pois, de irracional em admitir

que um Espírito, na erraticidade, escolha ou solicite uma existência terrena que o leve a reparar seus erros passados. Se tal existência lhe tivesse sido imposta, não teria sido menos justa, apesar da ausência momentânea da lembrança, pelos motivos acima desenvolvidos. As misérias da Terra são, pois, expiação, por seu lado efetivo e material, e provas, por suas conseqüências morais. Seja qual for o nome que se lhes dê, o resultado deve ser o mesmo: o melhoramento. Em presença de um objetivo tão importante, seria pueril fazer de um jogo de palavras uma questão de princípio. Isto provaria que se dá mais importância às palavras que à coisa.

Temos prazer de responder às perguntas sérias e elucidá-las, quando possível. A discussão é tanto mais útil com pessoas de boa-fé, que estudaram e querem aprofundar as coisas, pois é trabalhar para o progresso da ciência, quanto ociosa com os que julgam sem conhecer e querem saber sem se darem ao trabalho de aprender.

Segunda Carta ao Padre Marouzeau

(Vide o número de julho de 1863)

Senhor vigário,

Em minha carta precedente, dei os motivos que me levam a não responder a vossa brochura, artigo por artigo. Não os lembrarei, limitando-me a destacar algumas passagens.

Dizeis: “Concluimos de tudo isto que o Espiritismo deve limitar-se a combater o materialismo, a dar ao homem provas palpáveis de sua imortalidade, por meio de manifestações de além-túmulo bem constatadas; que, fora deste caso, tudo nele não passa de incerteza, trevas espessas, ilusões, um verdadeiro caos; que, como doutrina filosófico-religiosa, é apenas uma utopia, como tantas outras consignadas na História e da qual o tempo fará boa

justiça, a despeito do exército espiritual, de que vos constituístes comandante-em-chefe.”

Antes de mais, senhor vigário, haveis de convir que as vossas previsões praticamente não se realizaram e que o tempo não tem pressa em fazer justiça ao Espiritismo. Se este não sucumbiu, não o foi pela indiferença e pela negligência do clero e de seus partidários. Ataques não faltaram: brochuras, jornais, sermões, excomunhões fizeram fogo em toda a linha; nada faltou, nem mesmo o talento e o mérito incontestáveis de alguns campeões. Se, pois, sob tão formidável artilharia, as fileiras do Espiritismo aumentaram, ao invés de diminuir, é que o fogo virou fumaça. Ainda uma vez, diz-nos uma regra de lógica elementar que se julga uma força por seus efeitos; não pudeste deter a marcha do Espiritismo; portanto ele vai mais depressa que vós; e a razão disso é que ele vai à frente, enquanto vos arrastais na retaguarda, e o século tem pressa.

Examinando os diversos ataques dirigidos contra o Espiritismo, ressalta um ensinamento, ao mesmo tempo grave e triste; os que vêm do partido céptico e materialista são caracterizados pela negação, pela zombaria mais ou menos espirituosa, por brincadeiras geralmente tolas e vulgares, ao passo que — é lamentável dizer — é nos do partido religioso que se encontram as mais grosseiras injúrias, os ultrajes pessoais, as calúnias; é da cátedra que caem as palavras mais ofensivas; é em nome da Igreja que foi publicado o ignóbil e mentiroso panfleto sobre o pretense orçamento do Espiritismo. Dei algumas amostras na *Revista* e não disse tudo, por deferência e porque sei que nem todos os membros do clero aprovam semelhantes coisas. É útil, entretanto, que mais tarde se saiba de que armas se serviram para combater o Espiritismo. Infelizmente, os artigos de jornais são fugazes como as folhas que os contêm; mesmo as brochuras têm uma existência efêmera e em alguns anos os nomes dos mais ardentes e dos mais biliosos antagonistas provavelmente estarão

esquecidos! Só há um meio de prevenir este efeito do tempo: é colecionar todas as diatribes, venham de que lado vierem, e fazer uma coletânea, que não será uma das páginas menos instrutivas da história do Espiritismo. Não me faltam documentos para esse trabalho e, lamento dizer, são publicações feitas em nome da religião que, até hoje, têm fornecido o mais forte contingente. Constató com prazer que a vossa brochura ao menos constitui exceção no que respeita à urbanidade, se não pela força dos argumentos.

Em vossa opinião, senhor vigário, tudo no Espiritismo não passa de incerteza, trevas espessas, ilusões, caos, utopias. Então confessais que não é muito perigoso, pois ninguém deverá compreendê-lo. O que é que a Igreja pode temer de uma coisa tão absurda? Se é assim, por que essa demonstração de forças? Vendo tão grande fúria, dir-se-ia que ela tem medo. De ordinário não se dá um tiro de canhão contra uma mosca que voa. Não há contradição em dizer, de um lado, que o Espiritismo é temível, que ameaça a religião e, do outro, que nada é?

No trecho supracitado notó, de passagem, um erro, certamente involuntário, pois não suponho que, a exemplo de alguns de vossos colegas, alterais conscientemente a verdade por necessidade de ofício. Dizeis: “A despeito do exército espiritual, do qual vos *constituístes* comandante-em-chefe.” Antes de mais, perguntarei o que entendeis por *exército espiritual*. É o exército dos Espíritos ou dos espíritas? A primeira interpretação vos levaria a dizer um absurdo; a segunda, uma falsidade, pois é notório que jamais me *constitui* chefe, seja do que for. Se os espíritas dão-me esse título, é por um sentimento espontâneo de sua parte, em razão da confiança que se dignaram de me conceder, ao passo que dais a entender que me impus e tomei essa iniciativa, coisa que nego formalmente. Aliás, se o sucesso da doutrina que professo me dá uma certa autoridade sobre os adeptos, é uma autoridade puramente moral, que não uso senão para lhes recomendar calma, moderação e abstenção de qualquer represália contra os que os

tratam mais indignamente, para lhes lembrar, numa palavra, a prática da caridade, mesmo para com os seus inimigos.

A parte mais importante deste parágrafo é aquela em que dizeis que o Espiritismo deve limitar-se a combater o materialismo e provar a imortalidade da alma por meio de manifestações de além-túmulo. Então o Espiritismo serve para alguma coisa! Se as manifestações de além-túmulo são úteis para destruir o materialismo e provar a imortalidade da alma, não é o diabo que se manifesta. Para chegar a essa prova que, segundo vós, ressalta dessas manifestações, é preciso que nelas se reconheçam os pais e os amigos. Portanto, os Espíritos que se comunicam são as almas dos que viveram. Assim, senhor vigário, estais em contradição com a doutrina professada por vários de vossos ilustres confrades, a saber, que *só o diabo pode comunicar-se*. É um ponto de doutrina ou uma opinião pessoal? No segundo caso, uma não tem mais autoridade que a outra; no primeiro, proclamais uma heresia.

Há mais: considerando-se que as comunicações de além-túmulo são úteis para combater a incredulidade sobre a base fundamental da religião – a existência e a imortalidade da alma; uma vez que o Espiritismo *deve* servir para tal fim, então é lícito a todos nós buscar na evocação o remédio para a dúvida que a religião, sozinha, não pôde vencer. Por conseguinte, é permitido a todo crente, a todo bom católico, mesmo a todo sacerdote servir-se da evocação para reconduzir ao aprisco as ovelhas tresmalhadas. Se o Espiritismo tem meios de dissipar dúvidas que a religião é incapaz de destruir, é porque oferece recursos que a religião não possui, pois, do contrário, não haveria um só incrédulo na religião católica. Por que, então, ela repele um meio eficaz de salvar as almas? Por outro lado, como conciliar a utilidade que reconheceis nas comunicações de além-túmulo com a proibição formal que a Igreja faz de evocar os mortos? Desde que é princípio rigoroso que não se pode ser católico sem se conformar escrupulosamente aos preceitos da Igreja; que o menor desvio de seus mandamentos é uma heresia, eis o senhor vigário bem e devidamente herético, pois declarais bom

aquilo que ela condena. Dizeis que o Espiritismo é apenas caos e incerteza; então sois muito mais claro? De que lado está a ortodoxia, já que uns pensam de um modo, e outros pensam o contrário? Como quereis que se esteja de acordo quando vós mesmos estais em contradição com as vossas palavras? Vossa refutação é intitulada: *Refutação completa da Doutrina Espírita do ponto de vista religioso*. Quem diz *completo*, diz absoluto; se a refutação é completa, não deve deixar nada subsistir; e eis que, do próprio ponto de vista religioso, reconheceis uma utilidade imensa àquilo que a Igreja proíbe! Haverá maior utilidade que reconduzir a Deus os incrédulos? Melhor teria sido intitular vossa brochura de: *Refutação da doutrina demoníaca da Igreja*. Aliás, não é a única contradição que eu poderia apontar. Mas, tranqüilizai-vos, pois não sois o único dissidente; de minha parte conheço bom número de eclesiásticos que não crêem mais do que vós na comunicação exclusiva do diabo; que se ocupam de evocações com toda segurança de consciência; que não acreditam mais do que eu nas penas irremissíveis e na danação eterna absoluta, pondo-se de acordo, desse modo, com mais de um Pai da Igreja, como vos será demonstrado mais tarde. Sim, muito mais sacerdotes do que se pensa encaram o Espiritismo de um ponto mais elevado; chocados com a universalidade das manifestações e com o espetáculo imponente desta marcha irresistível, nisso vêem a aurora de uma nova era e um sinal da vontade de Deus, ante a qual se inclinam em silêncio.

Dizeis, senhor vigário, que o Espiritismo deveria parar em tal ponto, e não ir além. Em tudo é preciso ser conseqüente consigo mesmo. Para que essas almas possam convencer os incrédulos de sua existência, é necessário que falem. Ora, podemos impedi-las de dizer o que querem? É culpa minha se vêm descrever sua situação, feliz ou infeliz, de modo diverso do que ensina a Igreja? se vêm dizer que já viveram e viverão ainda corporalmente? que Deus não é cruel, nem vingativo, nem inflexível, como o apresentam, mas bom e misericordioso? se, em todos os pontos do globo onde as chamam para se convencerem da vida futura, elas

dizem a mesma coisa? Enfim, é culpa minha se o quadro que fazem do futuro reservado aos homens é mais sedutor que o que ofereceis? se os homens preferem a misericórdia à danação? Quem fez a Doutrina Espírita? São suas palavras, e não a minha imaginação; são os próprios atores do mundo invisível, as testemunhas oculares das coisas de além-túmulo que a ditaram e ela só foi estabelecida sobre a concordância da imensa maioria das revelações feitas em todos os lados e a milhares de pessoas que eu jamais tinha visto. Em tudo isto não fiz senão recolher e coordenar metodicamente o ensino dado pelos Espíritos; sem levar em conta opiniões isoladas, adotei as do maior número, afastando todas as idéias sistemáticas, individuais, excêntricas ou em contradição com os dados positivos da Ciência.

Desses ensinamentos e de sua concordância, bem como da atenta observação dos fatos, ressalta que as manifestações espíritas nada têm de sobrenatural, mas, ao contrário, resultam de uma lei da Natureza, até hoje desconhecida, como o foram durante muito tempo as da gravitação, do movimento dos astros, da formação da Terra, da eletricidade, etc. Desde que essa lei está na Natureza, é obra de Deus, a menos que se diga que a Natureza é obra do diabo. Esta lei, explicando uma porção de coisas que, sem ela, seriam inexplicáveis, converteu tantos incrédulos à existência da alma que o fato propriamente dito das manifestações e a sua prova está no grande número de materialistas reconduzidos a Deus só pela leitura das obras, sem nada terem visto. Teria sido melhor que permanecessem na incredulidade, com risco de nem mesmo estarem na ortodoxia católica?

A Doutrina Espírita não é obra minha, mas dos Espíritos. Ora, se esses Espíritos são as almas dos homens, ela não pode ser obra do demônio. Se fosse minha concepção pessoal, vendo seu prodigioso sucesso eu não poderia senão felicitar-me; mas eu não me poderia atribuir o que não é meu. Não, ela não é obra de um só, homem ou Espírito, que, fosse quem fosse, não lhe poderia ter dado uma sanção suficiente; é obra de uma multidão de

Espíritos, e é isto que constitui a sua força, pois cada um pode receber a sua confirmação. O tempo, como dizeis, far-lhe-á boa justiça? Para tanto é preciso que deixe de ser ensinada, isto é, que os Espíritos deixassem de existir e de se comunicarem em toda a Terra; seria preciso, além disso, que ela deixasse de ser lógica e de satisfazer às aspirações dos homens. Acrescentais esperar que eu reconheça meu erro. Não o creio e, francamente, não são os argumentos de vossa brochura que me farão mudar de opinião, nem desertar do posto em que me colocou a Providência, no qual tenho todas as alegrias morais a que um homem pode aspirar neste mundo, vendo frutificar o que semeou. É uma felicidade muito grande e muito doce, eu vos asseguro, à vista dos que tornou felizes, de tantos homens arrancados ao desespero, ao suicídio, à brutalidade das paixões e reconduzidos ao bem. Uma só de suas bênçãos me paga largamente de todas as fadigas e de todos os insultos. Não está no poder de ninguém me arrancar esta felicidade; não a conheceis, visto que ma quereis tirar. Eu vo-la desejo de toda a minha alma; tentai e vereis.

Senhor vigário, eu vos concedo dez anos de prazo para ver o que então pensareis da doutrina.

Aceitai, etc.

Allan Kardec

O Écho de Sétif ao Sr. Leblanc de Prébois

Extraímos a passagem seguinte de um artigo publicado no *Écho de Sétif*, de 23 de julho de 1863, em resposta à brochura intitulada: *Orçamento do Espiritismo*, do qual falamos no número de junho último da *Revista Espírita*.

“Não damos tanta extensão à questão e, para que nos compreendamos melhor, vamos proceder por ordem:

“1º – Credes na imortalidade da alma e eu também. Eis-nos de acordo sobre este ponto.

“2º – Após a morte enviais minha alma a Deus e eu também. Segundo ponto sobre o qual estamos de acordo.

“3º – Chegando minha alma a Deus, pretendeis que ela fique em sua presença, ou vá para o inferno, ou, enfim, para o purgatório. Eis os três únicos lugares onde permitis que ela se movimente.

“Aqui já não estamos de acordo. Eu creio que Deus permite a uma alma viajar por toda parte. Vós lhe circunscreveis o espaço; eu o amplio.

“Dizei-me, leal e francamente, se pensais que vossa opinião seja mais bem fundada que a minha; dizei-me por que Deus impediria que minha alma viajasse depois da morte do corpo? Tendes alguma revelação a respeito? Tendes uma prova tirada apenas do raciocínio? Não o creio.

“Eu tenho uma: é o raciocínio que tiro do conhecido ao desconhecido. Deus criou leis imutáveis, que jamais se contradizem. Ora, na Natureza que me é conhecida vejo que tudo se move, tudo se agita, nada fica em repouso. Assim Deus o quer.

“Esta única verdade que toco, que sinto, me basta para provar que se dá a mesma coisa com os mundos que desconheço. Por vosso lado, dizei-me por que quereis que seja diferente.

“Se não contestais que minha alma possa mover-se depois da morte de meu corpo, se ela vive, sente, se pode comunicar-se com alguém, dizei-me por que jamais poderá comunicar-se com a vossa alma, ainda ligada ao vosso corpo; dai-me uma razão, uma razão plausível, pois do contrário eu a repilo.

“Se disserdes que vossa inteligência se recusa a crer nisto, é uma razão que não admito, porque há milhões de coisas que vossa inteligência recusará a crer e que, entretanto, acreditareis depois de as ter visto; tal o caso de São Tomé.

“Não me importo como credes e nisto não tenho o menor interesse. Só tenho um pedido a vos fazer: Eu vos suplico a ninguém insultar sem necessidade.

“Seja qual for o vosso mérito, há homens que vos equivalem no Espiritismo. Há os que querem ver, estudar, instruir-se; há os que viram coisas surpreendentes e lhes querem conhecer as causas antes de se pronunciarem. Pois bem! fazei como eles: estudai, tratai de encontrar. Depois, quando tiverdes encontrado, dai-nos a explicação clara e precisa do fenómeno. Eis o que valerá mais do que expressões mal sonantes. Tereis feito a Ciência dar um passo e acalmado as consciências alarmadas como a vossa. Eis, enfim, um belo papel a desempenhar!

“Antes de terminar, façamos uma única pergunta ao Sr. Leblanc de Prébois:

“Ele vendeu a sua brochura ou a publicou somente por amor à Humanidade?”

C***

Notas Bibliográficas

REVELAÇÕES SOBRE MINHA VIDA SOBRENATURAL

Por Daniel Dunglas Home³⁰

Esta obra é um relato puro e simples, sem comentários nem explicações, dos fenómenos mediúnicos produzidos pelo

30 Um vol. In-12; traduzido do inglês. Preço: 3 fr 50, e não 2 fr, como foi erroneamente anunciado no número precedente da *Revista*. Pelos Correios, 3 fr. 90.

Sr. Home. Esses fenômenos são muito interessantes para quem quer que conheça o Espiritismo e os possa explicar, mas, por si sós, são pouco convincentes para os incrédulos que, nem mesmo crendo no que vêem, acreditam menos ainda no que se lhes conta. É uma coletânea de fatos mais apropriada aos que sabem, do que aos que não sabem, instrutiva para os primeiros, simplesmente curiosa para os segundos. Nossa intenção não é examinar nem discutir aqui esses fatos, que responderiam a uma necessidade já satisfeita com os artigos que publicamos sobre o Sr. Home na *Revista Espírita* (fevereiro, março, abril e maio de 1858). Apenas diremos que a simplicidade do relato tem um cunho de verdade que não se poderia ignorar e que, para nós, não há nenhum motivo de suspeição de sua autenticidade. O que se lhe pode censurar é o excesso de monotonia e a absoluta ausência de conclusão e de dedução filosófica ou moral. São também muito freqüentes as incorreções de estilo; a tradução, sobretudo em certas partes, se afasta bastante do gênio da língua francesa. Se a dúvida é a primeira impressão naquele que não pode dar-se conta dos fatos, quem quer que tenha lido atentamente e compreendido as nossas obras, principalmente *O Livro dos Médiuns*, reconhecerá ao menos a sua possibilidade, porque terá a sua explicação.

Como se sabe, o Sr. Home é um médium de efeitos físicos de imenso poder. Uma particularidade notável é que ele reúne em si a necessária aptidão para obter a maioria dos fenômenos desse gênero, e isto num grau de certo modo excepcional. Embora a malevolência se tenha deleitado em atribuir-lhe uma porção de fatos apócrifos, ridículos pelo exagero, resta muito para justificar a sua reputação. Sua obra terá, sobretudo, a grande vantagem de separar o verdadeiro do falso.

Os fenômenos que ele produz nos transportam ao primeiro período do Espiritismo, o das mesas girantes, também chamado período da *curiosidade*, isto é, dos efeitos preliminares, que tinham por objetivo chamar a atenção sobre a nova ordem de

coisas e abrir caminho ao período filosófico. Esta marcha era racional, porquanto toda filosofia deve ser a dedução de fatos conscienciosamente estudados e observados, e a que não repousasse senão sobre idéias puramente especulativas não teria base. A teoria, portanto, devia resultar dos fatos, e as conseqüências filosóficas deviam resultar da teoria. Se o Espiritismo se tivesse limitado aos fenômenos materiais, uma vez satisfeita a curiosidade, teria sido apenas um modismo efêmero. Tem-se a prova disso pelas mesas girantes, que só tiveram o privilégio de divertir os salões durante alguns invernos. Sua vitalidade estava apenas na sua utilidade. Assim, a extensão prodigiosa que ele adquiriu data da época em que entrou na via filosófica. Foi somente a partir dessa época que ele tomou lugar entre as doutrinas.

A observação e a concordância dos fatos levaram à procura das causas; a procura das causas levou a reconhecer que as relações entre os mundos visível e invisível existem em virtude de uma lei. Uma vez conhecida, esta lei deu a explicação de uma imensidade de fenômenos espontâneos até então incompreendidos e reputados sobrenaturais, antes que se conhecessem as suas causas; estabelecidas as causas, esses mesmos fenômenos entraram na ordem dos fatos naturais e o maravilhoso desapareceu. A propósito, pode-se criticar, e com razão, o qualificativo de *sobrenatural* que o Sr. Home dá à sua vida em sua obra. Outrora, certamente ele teria passado por um taumaturgo; na Idade Média, se tivesse sido monge, tê-lo-iam feito um santo com o dom dos milagres; simples homem do povo, teria passado por feiticeiro e sido queimado; entre os pagãos, dele teriam feito um deus e lhe erigiriam altares. Mas, novos tempos, novos costumes. Hoje é um simples médium, predestinado pelo poder de sua faculdade a restringir o círculo dos prodígios, provando pela experiência que certos efeitos, ditos maravilhosos, não escapam das leis da Natureza.

Algumas pessoas temeram pela autenticidade de certos milagres, vendo-os cair no domínio público. Como o Sr.

Home partilhasse esse dom com uma multidão de outros médiuns, que também reproduziam tais fenômenos à vista de todo o mundo, realmente tornava-se impossível considerá-los como derivações das leis da Natureza, caráter essencial dos fatos miraculosos, a menos que se admita que fosse dado ao primeiro que chegasse o poder de subverter essas leis. Mas, que fazer? Não se pode impedir de ser aquilo que é; não se pode pôr sob o alqueire aquilo que não é privilégio de ninguém. É preciso, portanto, resignar-se a aceitar os fatos consumados, assim como foram aceitos o movimento da Terra e a lei de sua formação. Se o Sr. Home tivesse sido o único no gênero, morto ele, poderiam negar o que fez; mas como negar fenômenos tornados vulgares pela multiplicidade e pela perpetuidade dos médiuns, que surgem diariamente em milhares de famílias, em todos os pontos do globo? Ainda uma vez, quer queiram quer não, é preciso aceitar o que é e o que não se pode impedir.

Mas se certos fenômenos perdem em prestígio do ponto de vista miraculoso, ganham-no em autenticidade. A incredulidade a respeito dos milagres – forçoso é convir – está na ordem do dia e, por isto, a fé estava realmente abalada. Agora, em presença dos efeitos mediúnicos e graças à teoria espírita, que prova que tais efeitos estão na Natureza, a possibilidade desses efeitos está demonstrada e a incredulidade terá de se calar. A negação de um fato leva à negação de suas conseqüências. Será preferível negar um fato considerado miraculoso a admiti-lo como simples lei da Natureza? As leis da Natureza não são obra de Deus? A revelação de uma nova lei não é prova de seu poder? Será Deus menor por agir em virtude de suas leis do que as derogando? Aliás, serão os milagres atributo exclusivo do poder divino? A própria Igreja não nos ensina que “falsos profetas, suscitados pelo demônio, podem fazer milagres e prodígios que seduziriam até mesmo os eleitos?” Se o demônio pode fazer milagres, pode derogar as leis de Deus, isto é, desfazer o que Deus fez. Mas em parte alguma a Igreja diz que o demônio possa fazer leis para reger

o Universo. Ora, considerando-se que os milagres podem ser realizados por Deus e pelo demônio, e levando-se em conta que as leis são obra exclusiva de Deus, o Espiritismo, provando que certos fatos encarados como exceção são aplicações das leis da Natureza, atesta, por isso mesmo, muito mais o poder de Deus que os milagres, pois não atribui senão a Deus o que, na outra hipótese, poderia ser obra do demônio.

Dos fenômenos produzidos pelo Sr. Home ressalta outro ensinamento, e o seu livro vem provar o que temos dito muitas vezes sobre a insuficiência das manifestações físicas para, sozinhas, levarem a convicção a certas pessoas. É fato bem conhecido que muitas pessoas, embora testemunhassem as mais extraordinárias manifestações, não se deixaram convencer, porque não os compreendiam e por lhes faltar base para firmar um raciocínio, neles vendo apenas charlatanice. Por certo, se alguém fosse capaz de vencer a incredulidade por efeitos materiais, este seria o Sr. Home. Nenhum médium produziu um conjunto de fenômenos mais surpreendentes, nem em condições mais honestas e, contudo, hoje, bom número dos que o viram operando ainda o tratam como hábil prestidigitador. Para muitos ele faz coisas muito curiosas, mais curiosas que as realizadas por Robert Houdin; e eis tudo. Seria de parecer, no entanto, que em presença de fatos tão extraordinários, tornados notórios pelo número e pela qualidade das testemunhas, toda negação fosse impossível e que a França ia ser convertida em massa. Compreende-se que esses fenômenos fossem rejeitados, quando só ocorriam na América, dada a impossibilidade de serem vistos. Mas o Sr. Home veio mostrá-los à fina flor da sociedade e, mesmo aí, encontrou mais curiosos do que crentes, embora desafiasse toda suspeita baseada no charlatanismo. O que faltava a tais comunicações para convencer? Faltava-lhes a chave para serem compreendidas. Hoje não há um só espírita que, tendo estudado um pouco seriamente a ciência, não admita todos os fatos relatados no livro do Sr. Home, sem os ter visto, ao passo que, entre os que os viram, há mais de um incrédulo, como a provar

que aquilo que fala ao espírito e se apóia no raciocínio tem um poder de convicção que não possui o que fere apenas os olhos.

Segue-se que a vinda do Sr. Home tenha sido inútil? Certamente não. Dissemos e repetimos: ele apressou a eclosão do Espiritismo na França, pelo brilho que lançou sobre os fenômenos, mesmo entre os incrédulos, provando que não são cercados de mistérios, nem de fórmulas ridículas da magia, e que se pode ser médium sem ter ar de feiticeiro; enfim, pela repercussão que seu nome e o mundo que freqüentou deram à coisa. Sua vinda, pois, foi muito útil, ainda quando fosse apenas para dar ao Sr. Oscar Comettant oportunidade de falar e fazer o *espirituoso* artigo que se conhece, para o qual só faltou ao autor conhecer o que queria criticar, absolutamente como se um homem, que de música nada entendesse, quisesse criticar Mozart ou Beethoven. (Vide relato da obra do Sr. Home pelo Sr. Comettant, no *Siècle* de 15 de julho de 1863 e algumas palavras nossas na *Revista Espírita* do mês de agosto seguinte).

SERMÕES SOBRE O ESPIRITISMO

**Pregados na catedral de Metz, nos dias 27, 28 e 29 de maio de 1863,
pelo reverendo padre Letierce, da Companhia de Jesus.**

**Refutados por um espírita de Metz e precedidos de
considerações sobre a loucura espírita³¹.**

Embora não conheçamos pessoalmente o autor deste opúsculo, podemos dizer que é obra de um espírita esclarecido e sincero. Estamos contentes por ver a defesa do Espiritismo tomada por mãos hábeis, que sabem aliar a força do raciocínio à moderação, que é o apanágio da verdadeira força. Os argumentos dos adversários aí são combatidos com uma lógica à qual não sabemos qual outra poderiam opor, porque só há uma lógica séria, aquela cujas deduções nenhum lugar deixam à réplica, e

31 Brochura in-12. Preço: 1 fr.; pelo Correio: 1 fr 10 c. – Paris, Livraria Didier, 35, quai des Augustins; Ledoyen, palais-Royal; Metz, livraria Linden, 1, rue Pierre-Hardie.

achamos que a do autor está neste caso. Sem dúvida, com ou sem razão, sempre se pode replicar, porquanto há criaturas com as quais nunca se diz a última palavra, ainda que se tratasse de lhes provar que há sol ao meio-dia; mas não é destes que se trata de ter razão, pouco importando que estejam ou não convencidos de seu erro. Também não é a estes que nos dirigimos, mas ao público, juiz em última instância das causas boas ou más. Há no espírito das massas um bom-senso que pode falhar nos indivíduos isolados, mas cujo conjunto é como a resultante das forças intelectuais e do senso comum.

Em nossa opinião, a brochura em questão reúne as vantagens do fundo e da forma, isto é, à justeza do raciocínio alia a correção e a elegância do estilo, que jamais prejudica coisa alguma e torna a leitura de qualquer escrito mais atraente e mais fácil.

Não duvidamos que este escrito seja acolhido por todos os espíritas com a simpatia que merece. Nós o recomendamos com toda a confiança e sem restrições. Contribuindo para sua propagação, os espíritas prestarão serviço à causa.

Dissertações Espíritas

UMA MORTE PREMATURA

(Sociedade Espírita de Paris, 31 de julho de 1863 – Médium: Sra. Costel)

Eis-me ainda no teatro do mundo, eu que me julgava para sempre amortalhada no meu véu de inocência e de juventude. O fogo da Terra salvou-me do fogo do inferno: assim pensava em minha fé católica e, se não ousava entrever os esplendores do paraíso, minha alma vacilante se refugiava na expiação do purgatório e eu orava, sofria, chorava. Mas quem dava à minha fraqueza a força de suportar as angústias? quem, nas longas noites de insônia e de febre dolorosa, se debruçava sobre o meu leito de martírio? quem me refrescava os lábios áridos? Éreis vós, meu anjo

guardião, cuja branca auréola me cercava; éreis também vós, caros Espíritos amigos, que vínheis murmurar em meu ouvido palavras de esperança e de amor.

A chama que consumiu meu débil corpo despojou-me do apego ao que passa; assim, morri já viva da verdadeira vida. Não conheci a perturbação e entrei serena e recolhida no dia radioso que envolve os que, depois de muito sofrimento, esperaram um pouco. Minha mãe, minha cara mãe, foi a última vibração terrestre que ressoou em minha alma. Como gostaria que ela se tornasse espírita!

Desliguei-me da árvore terrena como um fruto que amadurecesse antes do tempo. Mal tinha a florado para o demônio do orgulho, que fere as almas das infelizes arrastadas pelo sucesso brilhante e pela embriaguez da juventude. Bendigo a chama; bendigo os sofrimentos; bendigo a prova, que era uma expiação. Semelhante a esses leves fios brancos do outono, flutuo arrastada na corrente luminosa; já não são as estrelas de diamante que brilham em minha fronte, mas as estrelas de ouro do bom Deus.

Nota – Nossa intenção tinha sido evocar nessa sessão este Espírito, ao qual, sabíamos, muitos dentre nós eram simpáticos. Razões particulares nos haviam levado a adiar essa evocação, da qual não havíamos conversado com ninguém. Mas o Espírito, certamente atraído pelo nosso e pelo pensamento de vários membros, veio espontaneamente, sem ser chamado, ditar a encantadora comunicação acima.

O PURGATÓRIO

(Sociedade Espírita de Paris, 31 de julho de 1863
– Médium: Sr. Alfred Didier)

A religião católica nos mostra o purgatório como um lugar onde a alma, sofrendo terríveis expiações, alivia suas faltas e,

pela dor, pouco a pouco reivindica seus direitos ao sol da vida eterna. Imagem esplêndida! a mais verdadeira, a mais perfeita da grande trindade dogmática do inferno, do purgatório e do paraíso. Malgrado suas severidades desesperadoras, compreendeu a Igreja que era preciso um meio-termo entre a danação eterna e a felicidade eterna. Nessa estranha combinação, entretanto, ela confundiu o tempo infinito e progressivo, que é apenas um, com três situações limitadas e incompreensíveis. À religião, ou antes, ao ensino inteiramente humanitário e progressivo do Cristo, o Espiritismo adiciona os meios de realizar esta humanidade ideal. Nos desvios filosóficos de nossa época, há mais de um germe espírita; e tal filósofo céptico, que não aconselha para a felicidade definitiva da Humanidade senão o afastamento e a destruição de toda crença humana e divina trabalha mais do que se pensa para a tendência universal do Espiritismo. Somente é uma rota em que o céu pouco aparece, a existência futura quase não aparece, mas onde, pelo menos, a tranqüilidade material e, por assim dizer, egoística desta vida é compreendida com a clareza do legislador e, se não do santo, pelo menos de um filantropo humanitário.

Ora, no estado latente, a bem dizer, da vida extracorpórea, e que poderia ser chamada intravital, tratar-se-ia de saber se, com a medida de conhecimentos e de sagacidade clarividente que possuem os Espíritos superiores, o progresso universal é tão eficaz quanto o progresso terrestre. Esta questão, fundamental para o Espiritismo até o presente, é resolvida por detalhes que não satisfazem. Já não é apenas, como diz a Igreja, um lugar de expiação, mas um foco universal onde as almas que aí circulam receiam angustiadas ou aceitam esperançosas as existências que se lhes desvelam. Aí está, segundo nós, apenas o começo do que se chama o purgatório. A erraticidade, esta fase importante da vida da alma, não nos parece de modo algum explicada, nem mesmo mencionada pelos dogmas católicos.

Lamennais

A CASTIDADE

(Grupo de Orléans – Médiun: Sr. de Monvel)

De todas as virtudes de que o Cristo nos deixou o adorável exemplo, nenhuma foi mais indignamente esquecida pela triste Humanidade do que a castidade. E não falo apenas da castidade do corpo, de que certamente ainda se encontrariam na Terra numerosos exemplos, mas dessa castidade da alma, que jamais concebeu um pensamento, deixou escapar uma palavra susceptível de manchar a pureza da virgem ou da criança que a escuta.

O mal é tão universal, as ocasiões de perigo tão multiplicadas, que os pais, mesmo os verdadeiramente castos em seus atos e em suas palavras, não podem escapar à dolorosa certeza de que seus filhos não poderão, façam o que fizerem, subtrair-se ao funesto contágio. É-lhes necessário, por maior que seja a repugnância que apresentem, resignar-se eles mesmos a abrir os olhos dessas inocentes criaturas, ao menos para as preservar do perigo físico, já que é absolutamente impossível preservá-las do perigo moral; e, muitas vezes ainda, quando julgavam ter evitado o perigo, aparece algum escolho, cuja existência não haviam suspeitado e sobre o qual vem encalhar a pobre e inocente criança, que seu amor não pôde preservar da sujeira do vício.

Quantas palavras imprudentes, mesmo na mais seleta sociedade; quantas imagens e descrições, mesmo nos mais sérios livros, não vêm, sem que os pais o saibam, despertar, excitar ou mesmo satisfazer completamente essa curiosidade ávida, tão temível, da criança que não tem a menor consciência do perigo! Se o mal é difícil de evitar, mesmo nas classes mais esclarecidas da sociedade, que dizer das classes inferiores? E supondo que uma criança tenha tido a felicidade de escapar a isso no teto paterno, como protegê-la desse inevitável contato com os vícios que a oprimem diariamente?

Eis uma chaga muito profunda, muito perigosa, da qual todo homem, que conservou o senso moral no fundo do coração, deve sentir a mais imperiosa necessidade de expurgar da sociedade. O mal está arraigado em nossos corações, e muito tempo se escoará ainda antes que cada um de nós se tenha tornado bastante puro para apenas lhe suspeitar a gravidade. Um tal pensaria cometer falta séria se, ante uma criança, se permitisse a mínima palavra ambígua; no entanto, rodeado de pessoas maduras, sentirá prazer em contar piadas obscenas ou triviais que, diz ele, não fazem mal a ninguém. Não vê que a obscenidade é um mal tão imoral que mancha tudo quanto toca, mesmo o ar, cujas vibrações levarão longe o contágio. Diz-se que as paredes têm ouvidos e esta imagem nunca foi tão verdadeira quanto em semelhante matéria. A pura e santa castidade só estabelecerá definitivamente o seu reino na Terra quando toda criatura que pensa e fala tiver compreendido que jamais deve, em qualquer circunstância, nem escrever nem pronunciar uma palavra que a virgem mais pura não possa ouvir sem corar.

Direis que não tendes filhos e que não há uma só criança em vossa casa e, assim, não tendes nenhuma razão, no vosso entender, para vos constrangerdes. Mas se vós mesmos fôsseis puros, não vos sentiríeis constrangidos; e não tendes amigos que vos escutam, que o vosso exemplo excita e que talvez perderão, ante os filhos que não conheceis, a reserva que um resto de pudor lhes havia feito observar até então? Depois, é quase sempre às refeições que vosso espírito se deixa arrastar em ditos espirituosos que provocam o riso dos convivas; mas não vedes os serviçais que vos rodeiam, e vosso vizinho tem filhos! Não conheceis esse vizinho, nem seus filhos, e jamais sabereis o mal do qual fostes a causa; mas o mal – ficai certos – venha de onde vier, será sempre punido. Não só as paredes têm ouvidos: no ar que respirais há coisas que ainda não conheceis ou que não quereis conhecer.

Ninguém tem o direito de exigir de seus subalternos uma virtude que não pratica nem possui.

Basta uma única palavra impura para alterar a pureza de uma criança; basta uma única criança impura introduzida numa casa de educação pública para gangrenar toda uma geração de crianças que, mais tarde, se tornarão homens. Haverá um só homem sensato que ponha em dúvida a verdade patente e dolorosa deste fato? Ninguém duvida, ninguém ignora toda a extensão do mal que uma única palavra pode acarretar e, contudo, ninguém se julga obrigado a essa castidade da alma, que revolta todo pensamento obsceno, por mais disfarçado que seja e, mesmo, em certas circunstâncias, ninguém olha como estrita obrigação moral abster-se de pilhérias que deviam fazê-lo corar, se não se orgulhasse em não corar. Triste e vergonhoso orgulho!

Não é só a castidade que deveríamos respeitar nas crianças, mas, também, essa delicada candura a quem toda idéia de falsidade faz corar o rosto; e essa virtude é também muito rara. Mas quando se observa como é elevada a imensa maioria de nossos filhos, não nos devemos admirar muito. Para a maioria dos pais, os filhos, sobretudo em tenra idade, não passam de pequenas bonecas, com as quais se divertem, como se fossem um brinquedo. E o que as torna tão divertidas é que sua ingênua credulidade permite que se abuse de sua paciência, de manhã à noite, com pequenas mentiras, julgadas inocentes porque são feitas sem qualquer maldade e unicamente, como se diz, para rir. Ora, em sua verdadeira acepção, a palavra *inocente* significa: *que não prejudica*. Mas, ao contrário, que há de mais nocivo à candura de uma criança que esses pequenos e contínuos abusos de confiança, dos quais ela é inocente por um instante, mas só por um instante, para depois rir e se divertir, achando o maior prazer em imitar logo que pode?

Disso resulta muitas vezes que a criança mais cândida aprende a enganar tão depressa quanto aprende a falar e que, ao cabo de pouco tempo, é capaz de dar lições aos seus mestres.

Quase não se suspeita, sobretudo nessa idade, que muitas vezes uma causa insignificante possa mais tarde provocar deploráveis resultados. Os órgãos da inteligência, nas crianças muito jovens, são qual cera mole, apta a receber o molde do mais fraco objeto que a toca e, mesmo, deformá-lo, ainda que por um instante. E quando esta cera, a princípio tão fluida, vier a endurecer, a impressão ficará inapagável. É um erro crer-se que ela possa ser coberta por outras: só a marca primitiva ficará indelével; ao contrário, as impressões ulteriores é que deixarão apenas um traço fugaz, sob o qual a primeira aparecerá sempre.

Eis o que bem poucos jovens pais são capazes de sentir com bastante força para disso fazerem uma regra de conduta com seus filhos, sendo necessário que se lhes repita continuamente.

Cécile Monvel

O DEDO DE DEUS

(Thionville, 25 de dezembro de 1862 – Médiun: Dr. R...)

Nós vos demos a entrever a aurora da regeneração humana. Nisto, como em toda a marcha da Humanidade através das idades, deveis ver o dedo de Deus.

Já vo-lo dissemos muitas vezes: Tudo que acontece aqui na Terra, como tudo quanto se passa no Universo inteiro, está submetido a uma lei geral: a do *progresso*.

Inclinai-vos ante ela todos vós que, orgulhosos e soberbos, pretendéis colocar-vos acima dos desígnios do Todo-Poderoso! Buscai por toda parte a causa de vossas desgraças, como de vossos prazeres, e aí reconheceréis sempre o dedo de Deus.

Mas, direis, então o dedo de Deus é o fatalismo! Ah! guardai-vos de confundir essa palavra ímpia com as leis que a Providência vos impôs, essa mesma Providência que vos deve ter

deixado o *livre-arbítrio*, para, ao mesmo tempo, vos deixar o mérito de vossos atos, mas que lhes tempera o rigor por essa voz, tantas vezes desconhecida, que vos adverte do perigo a que vos expondes.

O fatalismo é a negação do dever, porquanto, sendo nossa sorte fixada previamente, não nos cabe mudá-la.

Em que se tornaria o mundo com essa horrível teoria, que abandonaria o homem às péfidas sugestões das piores paixões? Onde estaria o objetivo da criação? onde a razão de ser da ordem admirável que impera no Universo?

Ao contrário, o dedo de Deus é a punição sempre suspensa sobre a cabeça do culpado; é o remorso que corrói o coração, censurando-lhe os crimes a cada instante do dia; é o horrendo pesadelo que o tortura durante longas noites insones; é esse rastro sangrento que o segue em todos os lugares, como para reproduzir aos seus olhos, incessantemente, a imagem de sua malvadez; é a febre que atormenta o egoísta; são as perpétuas angústias do mau rico, que vê em todos que dele se aproximam espoliadores dispostos a lhe roubar um bem mal adquirido; é a dor que experimenta em sua última hora por não poder levar seus inúteis tesouros!

O dedo de Deus é a paz do coração reservada ao justo; é o suave perfume que vos repleta a alma após uma boa ação; é esse doce prazer que se experimenta sempre ao fazer o bem; é a bênção do pobre que se assiste; é o doce olhar de uma criança cujas lágrimas enxugamos; é a prece fervorosa de uma pobre mãe, a quem se proporcionou o trabalho que a deve arrancar da miséria; é, numa palavra, o contentamento consigo mesmo.

O dedo de Deus, enfim, é a justiça grave e austera, temperada pela misericórdia! o dedo de Deus é a esperança, que não abandona o homem em seus mais cruéis sofrimentos, que o

consola sempre e deixa entrever ao mais criminoso, a quem o arrependimento tocou, um recanto da morada celeste, do qual se julgava rejeitado para sempre!

Espírito familiar

O VERDADEIRO

(Thionville – Médiun: Dr. R...)

Disse um poeta: “Nada é mais belo que o verdadeiro; só o verdadeiro é agradável.”

Reconheci neste verso uma das mais belas inspirações jamais dadas ao homem. O verdadeiro é a linha reta; e a luz, cujo esplendor não precisa ser velado pelos homens justos, cujo espírito é maravilhosamente predisposto a compreender seus imensos benefícios. Por que, na nossa sociedade atual, a luz custa tanto a ser percebida pela maioria dos homens? Por que o ensino da verdade é cercado de tantos obstáculos? É que até agora a Humanidade não fez progressos bastante marcados, desde a origem do Cristianismo. Desde o Cristo, seus ensinamentos tiveram de ser velados sob a forma de alegoria e de parábola e os que tentaram propagar a verdade não foram mais ouvidos que seu divino Mestre; é que a Humanidade devia progredir com sábia lentidão, para que sua marcha fosse mais segura; é que necessitava de um longo noviciado, para tornar-se apta a se conduzir por si mesma.

Mas tranquilizai-vos! O sol da regeneração, há muito tempo na sua aurora, não tardará a espalhar sobre vós a sua deslumbrante claridade; a verdadeira luz vos aparecerá e sua influência benfeitora estender-se-á a todas as classes da sociedade. Quantos, então, se surpreenderão por não terem acolhido mais cedo esta verdade, que data da mais remota antiguidade, e que um sentimento de orgulho lhes fez sempre caminhar ao lado sem a ver!

Ao menos desta vez não tereis de sofrer nenhum desses horríveis cataclismos, que parecem outras tantas balizas destinadas a marcar, através dos séculos, a marca da verdadeira luz. Mais bem instruídos, os homens compreenderão que as perturbações que deixam atrás de si uma esteira de fogo e sangue não se enquadrariam hoje nos nossos costumes, abrandados pela prática da caridade. Compreenderão, enfim, o alcance destas palavras sublimes, outrora proferidas pelo Cristo: “Paz aos homens de boa vontade!”

Não haverá outra guerra senão a que for feita às paixões más. Todos reunirão suas forças para expulsar o Espírito do mal, cujo reino desastroso apenas deteve, por longo tempo, o progresso da civilização. Todos se deterão no pensamento de que a verdadeira luz é a única conquista legítima, a única que devem ambicionar, a única que os poderá conduzir à felicidade.

À obra, pois, todos vós que tendes a bandeira do progresso! Não temais empunhá-la alta e firme, para que de todos os recantos do globo os homens possam acorrer e se acomodarem sob sua égide. Pedi ao nosso Pai celeste a força e a energia que vos são indispensáveis para esta grande obra; e, se aqui não puderdes gozar da felicidade de vê-la realizada, que, ao menos, ao morrer, leveis a convicção de que vossa existência foi útil a todos, e que a mais doce recompensa vos espera entre nós: a alegria de ter cumprido vossa missão para a maior glória de Deus.

Espírito familiar

Allan Kardec

